

## DUAS CARTAS DE ROUSSEAU

Tradução:

Françoise Galler Magalhães Gomes\*

À Madame de Francueil

Paris, 20 de abril de 1751.

Sim, Madame de Francueil, coloquei meus filhos no Enfants-Trouvés\*\*, eu encarreguei da sua guarda o estabelecimento feito para isso. Se minha miséria e meus males me retiram o poder de assumir um cuidado tão caro, é uma infelicidade da qual eu devo me queixar, e não um crime do qual devo me culpar. Eu lhes devo a subsistência; eu a forneci melhor ou, pelo menos, de maneira mais segura do que eu mesmo poderia ter-lhes dado. Este ponto é primordial. Depois, vem a declaração da mãe deles que não pode ser desonrada.

A Sra. conhece minha situação; eu ganho o pão de cada dia com bastante sacrifício, como poderia eu sustentar uma família? E se eu fosse obrigado a recorrer à

---

\* Professora da Aliança Francesa de Florianópolis.

\*\*"Enfants-Trouvés" - "Crianças Encontradas" - Instituição que cuidava das crianças abandonadas.

profissão de autor, de que maneira os problemas domésticos e as preocupações das crianças me deixariam, no meu sótão, a tranquilidade de espírito necessária para fazer um trabalho lucrativo?

Os escritos que a fome dita não dão lucro, e esse recurso logo se esgota. Seria então necessário recorrer às proteções, à intriga, às manobras; ambicionar algum emprego vil; fazê-lo valer através de meios ordinários, caso contrário, ele não me sustentará, e logo me será retirado; enfim me entregar a mim próprio a todas as infâmias pelas quais sou imbuído de um tão justo horror. Eu, alimentar meus filhos e a mãe, do sangue dos miseráveis! Não, Madame de Francueil, é melhor que eles sejam órfãos do que ter como pai um cafajeste.

Oprimido por uma doença dolorosa e mortal, eu não posso esperar mais uma longa vida; mesmo se eu pudesse sustentar, ainda vivo, esses infortunados destinados a sofrerem um dia, eles pagariam muito caro a vantagem de terem sido criados um pouco mais delicadamente do que poderão sê-lo onde estão. Sua mãe, vítima do meu zelo indiscreto, com o peso da sua própria vergonha e das suas próprias necessidades, quase tão doentia, e ainda com menos condições de alimentá-los do que eu, será forçada a abandoná-los a si próprios; e eu vejo para eles somente a alternativa de se tornarem engraxate ou bandidos, o que resulta no mesmo. Se ao menos o seu estado fosse legítimo, eles poderiam encontrar recursos mais facilmente. Devendo carregar ao mesmo tempo a desonra do seu nascimento e a da sua miséria, o que será deles?

Por que não me casei, a Sra. me perguntará. Pergunte às suas leis injustas, senhora. Não me convinha assumir um compromisso eterno, e jamais me provarão que algum dever me obrigue a isso. O que há de certo, é que ja mais assumi tal compromisso e não quero fazê-lo. "Não se deve fazer filhos quando não se pode alimentá-los". Perdoe-me, Senhora, a natureza quer que sejam feitos pois a ter ra produz o suficiente para alimentar todo mundo; mas é o estado dos ricos, é o seu estado que rouba ao meu o pão dos meus filhos. A natureza quer também que sua subsistên cia seja garantida, foi o que fiz; se não existisse para eles um asilo, eu cumpriria meu dever e decidiria eu mesmo morrer de fome, mas não deixaria de alimentá-los.

A palavra Enfants-Trouvés a impressiona como se encontrássemos essas crianças nas ruas, expostas a pere cer se o acaso não as salvasse. Esteja certa de que a Sra. não teria mais horror do que eu ao pai indigno que se deci disse por essa barbaridade: ela está longe demais do meu coração para que eu me digne a justificá-la. Existem re gras estabelecidas; informe-se sobre o que elas são, e a Sra. saberá que as crianças saem das mãos da parteira ape nas para passar nas mãos de uma ama. Eu sei que essas crian ças não são criadas delicadamente: melhor para elas, isso as torna mais robustas; nada de supérfluo lhes é dado, mas elas têm o necessário, não se faz delas senhores, mas cam poneses ou operários. Não vejo nada, nessa maneira de criá

-las, que eu não escolhesse para os meus filhos. Mesmo se eu fosse seu mestre, eu não os prepararia, pela facilidade, às doenças que o cansaço e as intempéries do ar provocam aos que não estão preparados. Eles não saberiam nem dançar, nem montar a cavalo, mas teriam boas pernas incansáveis. Eu não faria deles nem autores nem funcionários de escritório; eu não os exercitaria a manusear a pena, mas a carroça, a lixa, a plaina, instrumentos que propiciam uma vida saudável, laboriosa, inocente, da qual nunca se abusa para agir mal, e que não atrai inimigos ao fazer o bem. É a isso que são destinados; pela educação rústica que lhes é dada, eles serão mais felizes do que o próprio pai.

Eu me privei do prazer de vê-los, e nunca saboreei a ternura dos abraços paternos. Hélas, eu já lhe disse, eu vejo nisso apenas uma razão para me queixar, eu os liberto da miséria às minhas custas. Assim, queria Platão que todas as crianças fossem criadas na sua república; que cada uma permanecesse desconhecida do seu pai, e que todos fossem filhos do Estado. Mas essa educação é vil e baixa! Eis o grande crime; ele a impressiona, tanto quanto aos outros e a Sra. não vê que, seguindo sempre os preconceitos do mundo, a Sra. toma como a desonra do vício o que é apenas a desonra da pobreza.

À Madame de Luxembourg

Montmorency, 12 de junho de 1761

Quantas coisas teria a lhe dizer antes de deixá-la! Mas o tempo me apressa; é preciso abreviar minha confissão, e derramar no seu coração generoso o meu último segredo. A Sra. saberá então que durante dezesseis anos eu vivi na maior intimidade com essa pobre moça que mora comigo, exceto após o meu retiro em Montmorency, onde meu estado me forçou a viver com ela como com uma irmã; mas o meu carinho por ela não diminuiu e, sem a Sra., a idéia de deixá-la sem recursos envenenaria meus últimos instantes.

Dessas ligações se originaram cinco filhos, que foram todos colocados no Enfants-Trouvés, e com tão pouca precaução para reconhecê-los algum dia, que eu nem retive a data de seu nascimento. Há vários anos que o re morso dessa negligência tem perturbado minha tranqüilidade, e eu estou morrendo sem poder repará-la para desconsolo meu e de sua mãe. Eu apenas mandei colocar nas fraldas do mais velho uma marca da qual eu guardei a cópia; ele deve ter nascido, me parece, durante o inverno de 1746 a 47, ou aproximadamente, é tudo de que me lembro. Se houvesse meio de achar essa criança, seria fazer a felicidade de sua do ce mãe; mas estou perdendo as esperanças, e não levo comi

go essa consolação. As idéias com que minha culpa encheu meu espírito contribuíram em grande parte para me fazer meditar o Tratado de Educação; e você encontrará, no livro 1º, um trecho que poderá lhe indicar essa intenção. Eu não me casei com a mãe, e nada me obrigava, pois antes de me ligar a ela eu lhe declarei que jamais me casaria com ela, e mesmo um casamento público nos teria sido impossível por causa da diferença de religião; no mais eu sempre a amei e a honrei como minha mulher, por causa do seu bom coração, da sua sincera afeição, do seu desinteresse exemplar, e da sua fidelidade sem mácula, da qual ela nem sequer me deu motivos de suspeita.

Eis, Sra. Marechal, a justa razão da minha preocupação com o destino dessa pobre moça depois que ela me perder; tanto que, se eu tivesse menos confiança em sua amizade para comigo, e na amizade do Sr. Marechal, eu partiria penetrado de dor pelo abandono em que a deixo; mas eu a confio à Sra., e morro em paz a esse respeito. Resta-me dizer-lhe o que penso que melhor conviria à sua situação e ao seu caráter, e que daria menos margem aos seus feitos.

Minha primeira idéia era de lhe solicitar que a acolhesse em sua casa, ou junto do filho que é sua esperança até que ele saia das mãos das mulheres; mas infelizmente, isto não teria êxito; haveria intermediários demais entre a Sra. e ela, e ela tem, na sua casa, pes

soas mal-intencionadas que, certamente, ela não atraiu por sua culpa e que encontrariam, infalivelmente, a arte de fazê-la, cedo ou tarde, cair em desgraça junto à Sra. ou ao Sr. Marechal. Ela não tem flexibilidade nem prudência o suficiente para se manter com tantos espíritos diferentes, e se prestar às pequenas manobras com as quais se ganha a confiança dos amos, por mais esclarecidos que sejam. Mais uma vez, isto não teria êxito; portanto eu lhe peço de não pensar nisso.

Eu também não queria que ela ficasse em Paris, de qualquer forma que fosse; é certo que, medrosa e fácil de subjugar, ela se tornaria a presa e a vítima da sua grande família, pessoas de uma avidez e maldade sem limites, das quais eu mesmo tive dificuldade de arrancá-la, e que são em grande parte responsáveis pelo meu retiro no campo. Se porventura ela morar em Paris, estará perdida, pois mesmo que fosse escondida delas, como ela é de boa índole, ela jamais poderá deixar de vê-las, e em pouco tempo seus familiares lhe sugarão o sangue até a última gota, e depois a matarão por maus tratos.

Eu não tenho razões menos fortes para desejar que ela não vá morar com sua mãe, entregue aos meus mais cruéis inimigos, alimentada por pessoas mal-intencionadas, e que só esperam a ocasião de castigar essa pobre moça de não ter se prestado a seus complôs contra mim. Ela é a única que nada obteve da sua mãe, e a única que a alimentou e cuidou na sua miséria; e se eu dei asilo a essa

mulher durante doze anos, a Sra. há de entender que foi pela filha que o fiz. Tenho mil razões, muito longas a explicar, para desejar que ela não volte para sua mãe. Assim, eu lhe peço até de intervir, se preciso, com sua autoridade para impedi-la.

Eu vejo apenas duas soluções que lhe convêm: uma é de continuar a ocupar minha casa, e viver em paz em Montmorency; o que ela pode fazer com pouca despesa com a sua assistência e proteção, tanto da renda dos meus escritos como do seu trabalho, pois ela costura muito bem; e só lhe falta com o que se ocupar, o que a Sra. pode lhe dar ou providenciar, desejando somente que ela não dependa totalmente das camareiras, pois sua tirania e seu monopólio me são conhecidos.

A outra solução é colocá-la em alguma comunidade do interior onde se vive com pouco, e onde ela poderia muito bem ganhar a vida com o seu trabalho. Esta solução me agradaria menos do que a outra, pois desta forma ela estaria longe demais da Sra., e por outras razões ainda. A Sra. fará a melhor escolha, Sra. Marechal; mas qualquer que for a sua escolha, eu lhe suplico de fazer com que ela tenha sempre sua liberdade, e que ela seja senhora de si para mudar de casa tão logo não se sinta bem. Eu lhe suplico, finalmente, de não deixar de cuidar de suas pequenas necessidades, de tal forma que, aconteça o que acontecer, ela tenha pão até o fim dos seus dias.

Eu solicitei ao Sr. Marechal para consultá-la sobre a escolha da pessoa que ele encarregaria para cuidar dos interesses da pobre moça após o meu falecimento. A Sra. não ignora a injusta parcialidade que aquele que naturalmente seria escolhido para tal, manifesta contra ela. Qualquer que seja a estima que eu concebi para sua probidade, eu não queria que ela ficasse nas mãos de um homem que eu devo achar honesto, mas que vejo entregue, por uma cegueira inconcebível, aos interesses e paixões de um cafajeste.

A Sra. está vendo, Sra. Marechal, com que simplicidade, com que confiança eu lhe confio meu coração. Todo o resto do universo já não é mais nada para os meus olhos. Esse coração que a amou sinceramente já está vivendo apenas para a Sra., para o Sr. Marechal e para a pobre moça. Adeus, ternos e queridos amigos; amem um pouco minha memória; por mim, eu espero ainda amá-los na outra vida; mas seja o que for desse obscuro e temeroso mistério, em qualquer hora que a morte me surpreender, eu tenho certeza de que ela me encontrará pensando em vocês.